

O Sujeito melancólico

Anteriormente destacamos, a partir das leituras empreendidas nas obras de Sigmund Freud e Karl Abraham, os alicerces metapsicológicos da melancolia. Queremos ressaltar, neste capítulo, os pontos que serão os eixos de análise para fortalecer minha hipótese central, qual seja, de que, ao estudar a melancolia, estarei me aproximando em muitos aspectos das particularidades da clínica contemporânea.

A melancolia, ao longo dos tempos, esteve no escopo dos psiquiatras, que sempre tentaram identificá-la e classificá-la. Muitas teorias foram propostas e nem sempre houve uma hegemonia nominativa. A melancolia foi identificada com a tristeza, com uma estética, com a loucura e, recentemente, com a depressão neurótica, ou mesmo como uma forma de existir. Ao considerá-la uma organização psíquica primária, estaremos empenhados na tarefa de justificar esta premissa, apesar de já ter sido descrita por Sigmund Freud em “Luto e Melancolia” (1917) e classificada como uma neurose narcísica (*narzisstische Neurosen*) em “Neurose e Psicose” (1924).

Uma das finalidades desta tese é aprofundar as postulações apresentadas a respeito da melancolia e remetê-la à sua especificidade, tornando inequívoca a sua singularidade frente à depressão neurótica.

Dentre os autores contemporâneos que se dedicam a estudar a melancolia, Lambotte apresenta idéias bastante pertinente para o desenvolvimento desta tese. Buscamos em seus escritos o apoio teórico para as idéias que tentamos desenvolver. Este capítulo se dedica aos aspectos considerados importantes, segundo a perspectiva de Lambotte na construção de sua teoria, que nos servirão de suporte.

Consideraremos três pontos a serem discutidos: a idéia da inibição generalizada ou esvaziamento do Eu, a problemática especular e dos ideais, e o negativismo melancólico. Apresentaremos os aspectos constitutivos de uma determinada forma discursiva que irá caracterizar o sujeito melancólico.

7.1

O Vazio melancólico

Trataremos neste tópico das concepções energéticas propostas por Freud em função dos aspectos econômicos que permitiram a criação das figuras do “buraco” e da “hemorragia interna”, abordados, inicialmente, nos “Manuscritos E” e “G”, ambos extraídos da correspondência de Sigmund Freud com Wilhelm Fliess, assim como da concepção de “esvaziamento do eu”, considerada em “Luto e Melancolia”.

A tradição organopsíquica dos psiquiatras do século XIX se concentrou nas idéias de dor moral e amortecimento psíquico que refletiam um estado permanente de tristeza e adinamia que o sujeito melancólico apresentava. A melancolia era vista, segundo os aspectos econômicos e dinâmicos, como um quadro clínico em que o sujeito portava algo como uma bomba aspirante que tinha como resultado uma sensação de vazio e desânimo. Devemos sublinhar, portanto, um mecanismo psíquico que, de forma incessante, tenta recriar algo que se desvanece. Esta tentativa leva a um enfraquecimento geral que aparece clinicamente em forma de queixas a respeito da vida, de si e dos outros, traduzindo uma descrença em relação a tudo, mantendo-se na apatia e na resignação que, em sua insurgência, revela toda a agressividade dirigida a si e aos outros.

Um possível paradoxo aparece clinicamente. As figuras descritas historicamente, ora como apáticos, ora como gênios, podem revelar uma contradição, mas se investigarmos mais amiúde encontraremos uma incessante produção do pensamento, ao lado de uma redução geral das funções psíquicas. Isto é explicado pelo exposto acima, ou seja, por uma produção intelectual incessante que tenta dar conta do que não se deu originalmente. O autoconsumo desta hiperatividade psíquica foi comparado por Freud a uma hemorragia interna. Lambotte (1997) formula as seguintes questões:

O que é que não cessa de escapar ao modo de pensamento racional do melancólico e de nele condenar as possibilidades de investimento? O que é que afeiçoa seu discurso como uma seqüência de idéias que caem no vazio muito mais que como uma seqüência de representações destinadas a inserir o objeto exterior em um esquema reflexo? (Lambotte, 1997, p. 86)

As respostas a estas perguntas apontarão para um aspecto importante da melancolia, que é a falta de representações deste sujeito, e que deixam, em sua ausência, um movimento incessante de reconstrução no vazio, aparecendo nos momentos de perda, através de uma queixa sem fim contra o objeto perdido. Cabe, neste momento, revelar a natureza destas representações faltantes “cuja ausência alimenta o fluxo melancólico, inesgotável em seu escoamento” (Lambotte, 1997, p. 88).

Tendo como referência a teoria freudiana de 1895, entende-se que o sofrimento significa a perda de um montante de excitação de um grupo psíquico associado, e que a dor é o resultado desta dissociação. Certamente, Freud referiu-se a uma dissociação de representações, entendidas como a soma da imagem mental e do afeto a ela ligada. Esta imagem pode ser “da ordem da lembrança, do fantasma ou da criação estética” (Lambotte, 1997, p. 91). A autora nos lembra que estas imagens “nunca estão inteiramente desintrincadas uma das outras” (Lambotte, 1997, p. 91).

O modo de pensar do melancólico apresenta uma forma de curto circuito que o leva repetidamente a sua origem constitutiva, como uma tentativa de se ver investido diferentemente da forma de como se deu.

Lambotte (1997) situa o melancólico entre um vazio da consciência existencial e um vazio do universo lógico, ancorado “entre-deux” espaços vazios: um voltado para racionalizar toda experiência sensível, e outro de se ver desvanecer a cada tentativa de criar uma interioridade. Assim, ela diz:

Insistamos somente neste perpétuo “à parte” que o sujeito melancólico ocupa, este “à parte” que o obriga a justificar seu mal-estar e a ordenar seu sofrimento em uma sequência de argumentos lógicos que termina por voltar-se sobre ela mesma (Lambotte, 1997, p. 101).

Uma característica discursiva do melancólico torna-se, desta forma, aludida no que se refere à instantaneidade de suas queixas. Ele vê diante de si um vazio que se faz crer igual ao longo de sua vida. A distinção entre passado e presente fica borrada, levando à inutilidade de pensar no futuro. Esta dimensão temporal encontra-se comprometida e conseqüentemente, o impedirá de se inscrever em uma narrativa quando o passado é evocado. Da mesma forma o

futuro, esvaziado de desejos, tem o mesmo colorido de sempre. Pinheiro (2005) descreve esta falta de implicação do melancólico na continuidade do tempo que nos permite sonhar:

O investimento de que Freud fala é um investimento que possui sempre uma narrativa, e a narrativa, por sua vez, é o fio que trama o tecido da existência e permite a noção de continuidade. Se a *vida* se apresenta em *flashes* e, além disso, em flashes sem interesse, como desejar? ... Se o sujeito só dispõe da imagem do presente e uma imagem de si no futuro, mas não dispõe de uma narrativa que articule um flash ao outro, seu desejo está fadado a não se realizar e só lhe resta deprimir. Na melancolia, a imagem do futuro é a mesma do presente e a mesma do passado. A vida foi, é, e será sempre igual, sem intenção (Pinheiro, 2005, p. 103/104).

A ilusão, própria do desejar, passa a ser denunciada como farsa, como “uma possibilidade imaginária dissolvida no tempo” (Lambotte, 1997, p. 107) que caracteriza a amargura, a descrença no futuro. “O sujeito melancólico se suspende no pensamento da dúvida universal para melhor denunciar o efeito original e irreduzível do logro”, diz a autora (Lambotte, 1997, p. 108).

A figura da hemorragia interna descrita por Freud, implicando um esvaziamento do Eu, pode ser entendida a partir do nivelamento das idéias, ou melhor, da falta de uma modulação sensível, variável e representativa, que possa trazer sentidos diferentes às experiências de vida. Esta indiferenciação do discurso traduz o empobrecimento do qual o melancólico se queixa incessantemente, monocordicamente. A desapareição dos afetos em seu discurso nos leva a supor que as palavras funcionam como fotografias, sem qualquer relevância semântica, restando uma sensação de vazio ou de anulação, excluindo o sujeito da enunciação.

Desvitalizar a palavra para servir a um cenário escrito já na origem, assim opera a imutável resposta melancólica, na qual o sujeito é apagado em benefício de uma colocação em cena impessoal e compulsiva, espécie de grade lógica de interpretação que parece disfarçar sua impotência de existir, se não mesmo de nascer (Lambotte, 1997, p. 116).

Freud escreve, em 1891, “Um estudo sobre as Afasias”, em que a palavra é o resultado de uma complexa operação associativa entre os elementos visual, acústico e cinestésico, implicados uns com os outros. A palavra, desta forma,

ganha significação pela ligação objetual (*Objektvorstellung*). Segundo Lambotte, um questionamento: “não estaria aí aquilo de que se queixa o doente melancólico quando ele evoca... a perda ou falta de representação de objeto que remeteria a palavra apenas à neutralidade de um universo sonoro?” (Lambotte, 1997, p. 120).

Assim, a apatia e a indiferenciação das palavras que o melancólico emite revelam a desvitalização que queremos caracterizar. Apesar de isto ser próprio de todo sujeito deprimido, faremos uma importante distinção. Exatamente neste ponto, podemos inferir que um modelo para a melancolia, em seu aspecto genético, deve levar em conta a presença de uma falha constitutiva, oriunda de uma problemática da relação original com o outro, diferente da problemática neurótica, que aponta a problemática do sujeito em relação ao desejo do Outro.

Em “Luto e Melancolia” (1917), Freud reforça esta hipótese, ao se referir a uma via barrada (*gesperrt*) ao trabalho do luto na melancolia, qual seja o impedimento do livre fluir do processo psíquico em direção à consciência, passando pelo pré-consciente, como encontramos no luto. Freud aponta uma pluralidade de causas que fazem com que “as representações inconscientes não se possam tornar conscientes e com que os objetos do mundo exterior permaneçam inacessíveis ao sujeito” (*apud* Lambotte, 1997, p. 135).

A legitimidade da melancolia, enquanto estruturação psíquica peculiar, está formulada com base nas condições particulares que aconteceram no momento de seu nascimento e em suas primeiras trocas, tornando-se, desta forma, uma premissa constitutiva.

Prosseguindo, para que se possa explicitar uma forma de organização psíquica própria da melancolia, devemos entender a idéia de “turbilhonamento” descrita por Freud no *Manuscrito G*. O “esvaziamento do eu” pode ser visto como uma forma de retorno, ou de “movimento perpétuo do pensamento sobre si mesmo”. A este respeito, Lambotte formula uma importante questão:

E não é isso, ainda, reencontrar o discurso melancólico no sentido em que, privado de suas referências identificatórias e lançado fora de si mesmo, o sujeito só faria repetir indefinidamente a “incompreensibilidade” de sua vinda ao mundo, em um sistema de pensamento de que ele mesmo se deixou despossuir? (Lambotte, 1997, p. 144)

Isto nos leva a uma outra interrogação: do que foram os melancólicos privados? Creio que a tentativa de elucidar esta questão nos levará à teoria da formação dos ideais. Adiantamos que a busca de uma definição identitária está no cerne da estrutura melancólica, já que esta necessidade primordial, não se constituindo de forma razoável, coloca os melancólicos, comportamentalmente e discursivamente, na operação repetitiva de uma experiência que nunca se deu, condenando-os a viverem debruçados sobre si e à indiferença apática. Quando dizemos que nunca se deu estamos nos baseando na idéia de um processo constitutivo que se sustenta no tempo, daí, ser preferível pensar em falha em vez de falta.

A figura de esvaziamento do Eu, e idéias correlatas como, por exemplo, desvitalização, buraco hemorrágico, desvanecimento do Eu, entre outras, resultam de uma dificuldade de investir os objetos do mundo, devido a uma falha constitutiva, fazendo com que a excitação (na linguagem do *Manuscrito G*) permaneça na esfera psíquica de forma não associada, sem cessar, sendo consumida por cada nova tentativa de investimento que não se realiza. A lógica totalizadora dos investimentos dos melancólicos invalida qualquer resultado dentro da lógica parcial do mundo neurótico.

Cabe, por último, para que possamos abordar as questões dos ideais, investigar que representações seriam estas que, ao falharem, acarretam este desastre narcísico?

Na perspectiva do *Manuscrito G*, Freud fala de um grupo sexual psíquico que, ao requerer uma excitação sexual somática, se habilita a investir outros objetos externos. O ponto que queremos frisar é que, para que esta viabilidade ocorra, há a condição prévia de um investimento em si, primordial, marcando esta experiência com a possibilidade de uma repetição, ou melhor, de cursar um caminho já percorrido, onde ele foi o objeto de escolha do outro. Lambotte (1997) recoloca esta hipótese de outra forma:

Ora, se quisermos levar em conta as conclusões metapsicológicas a que chegamos quanto à referência tópica do discurso, não podemos deixar de deslocar a impossibilidade das representações de coisa de se ligar às representações palavra para a inaptidão do grupo sexual psíquico de transformar as representações em afetos (Lambotte, 1997, p. 146).

O esvaziamento do eu está relacionado, em última análise, à falta das referências identificatórias que, na tentativa de preencher sua ausência com justificativas racionais conhecidas, marcam discursivamente o sujeito remetendo-o, como numa condenação, a uma verdade constitutiva que não aceita a ilusão neurótica como saída, mas que tenta indefinidamente reverter, mesmo com a certeza do fracasso, já que se constitui a fonte de sua única verdade.

Desta forma, quando apontamos a ausência ou insuficiência de determinadas representações, estamos nos referindo às representações necessárias, indispensáveis ao investimento objetual. Esse "fundo lacunar de representações" ou "fundo insuficiente" será aquele que irá assegurar a estruturação do sujeito (Lambotte, 1997, p. 146).

Quando Freud nos diz que "a existência da representação é já garantia da realidade do representado", no artigo "A Negativa" (1925), legitima a hipótese de que, pela falta ou insuficiência das representações originais, o objeto é tingido pela indiferença, já que nunca teria experimentado o prazer da representação conseqüente à sua inexistência na realidade psíquica do melancólico. Diz-nos Lambotte (1997):

à falta de representações adequadas, o objeto de forma alguma se pode prestar a investimentos para o sujeito melancólico, e menos ainda mobilizar a atenção a fim de tomar o lugar do que teria sido da ordem do representante-representação inconsciente... o objeto só existe no interior de uma realidade lógica, aquela que impede o melancólico de soçobrar inteiramente na diluição interna (Lambotte, 1997, p. 149).

Resulta um sujeito que, em contato com sua história de vida, exibe uma sucessão de fatos sem começo nem fim, sem historicidade, ordenados de forma lógica sob a forma de imagens congeladas em vez de articuladas temporalmente, sem que se perceba como resultado do investimento do outro para tornar-se núcleo de uma rede associativa que deveria ordenar seu mundo fantasmático. As representações-coisa tendo pouca possibilidade de ligar-se às representações-palavra no tocante às representações primitivas, impedem o sujeito de se ver inserido numa história que, originalmente, amarraria toda a produção posterior da sua existência com a lembrança daquilo que deveria ter sido contado pelos pais.

Para concluir este tópico, queremos destacar que a falta ou insuficiência de certas representações impedem a trama inconsciente de se constituir em

associação com uma unidade coesa e fixa onde recaem todas as tentativas de se fazer representar inconscientemente. O resultado é como um turbilhão aspirante que dá a sensação de vazio tão próprio do sujeito melancólico, e que aparece discursivamente na relação com o outro.

A importância deste outro faltante, da incessante busca por uma situação original que lhe permita ser alguém inserido na ordem desejante, nos leva ao segundo ponto que abordaremos que é a problemática da constituição do narcisismo infantil.

7.2

A problemática dos Ideais

Ao nos perguntarmos sobre o que há de mais fundamental na constituição do sujeito melancólico, nos deparamos com a necessidade de aprofundar a teoria a respeito dos ideais. Uma pergunta será o eixo principal desta abordagem: o que podemos considerar como psiquicamente falho que resulta na melancolia? Podemos, em função disto, pensar em uma possível etiologia, ou melhor, numa pré-condição, a partir da qual encontramos uma formação clínica peculiar que identificamos como melancólica?

Não podemos prosseguir sem mencionar aquilo que seria esperado na constituição psíquica, para marcar em torno de que a problemática da melancolia se estabelece. Assim, mencionaremos a formação dos ideais segundo o entendimento de Freud e com o auxílio da releitura empreendida por Lacan, priorizando a particularidade da melancolia no processo de constituição subjetiva.

Sempre podemos encontrar embriões dos conceitos freudianos ao longo de sua obra, uma tendência a buscar indicações precoces dos conceitos que estudamos. Vimos que somente a partir de 1914 o narcisismo se constitui como um valor conceitual, ganhando desdobramentos importantes após 1920 com a postulação de uma nova dualidade pulsional, quando a origem da agressividade é questionada pelo fato do Eu, inicialmente, ser constituído libidinalmente.

Vamos nos deter neste momento da obra freudiana para destacar os aspectos importantes para situar a problemática postulada para o entendimento da melancolia.

Retomando o que já foi visto anteriormente, o narcisismo aparece descrito como uma fase intermediária compreendida entre o auto-erotismo e o amor objetal, na tentativa de centralizar no próprio sujeito o investimento libidinal que, diferente do auto-erotismo, implica em uma circunscrição imaginária coincidente com a unificação do Eu. Pela compreensão de que o Eu não existe desde sempre, necessitando do investimento de um outro, constituindo-se eroticamente, nomeou-se este narcisismo de primário e mítico, o que é diferente do narcisismo propriamente dito ou narcisismo secundário, já contemporâneo da imagem unificada do Eu, que Freud chamou de Eu ideal (*Ideal Ich*).

Apesar de haver na obra freudiana uma certa confusão em torno da questão do narcisismo primário coincidir com o auto-erotismo, como poderia ser entendido nas primeiras páginas de seu artigo de 1914, Freud nos aponta uma solução. Ao desenvolver o tema, ele indica que no momento do funcionamento auto-erótico, quando a pulsão sexual se satisfaz no próprio corpo pela coincidência do alvo e da fonte, para que haja narcisismo, é necessário que algo se acrescente a este auto-erotismo. Este “algo” é o investimento erótico do outro.

É importante marcarmos que a grande diferença entre uma etapa e a outra é a presença de um corpo unificado pelo resultado da organização pulsional, em oposição a um corpo fragmentado funcionando pulsionalmente nas bases daquilo que Freud chamou de “prazer de órgão”, como correspondente ao funcionamento auto-erótico. Cabe ressaltar uma certa confusão em termos da anterioridade de uma organização em relação à outra. O aspecto fragmentado do Eu relacionado ao auto-erotismo só pode ser pensado teoricamente em oposição à unificação egóica e, portanto, é de caráter dedutivo que se postula sua existência, e não datado na linearidade do tempo cronológico.

Com base no exposto, ratificamos a idéia de que o Eu não existe desde sempre, assertiva lapidar no campo da teoria psicanalítica, e este Eu tem que ser formado num processo de devir que introduz o outro no circuito pulsional do sujeito, estabelecendo novas bases operacionais, não mais auto-eróticas, mas dependentes do outro. Deve ser salientado que um modo operacional não exclui o outro, portanto, o narcisismo passa a ser uma formação permanente e necessária para o bom funcionamento psíquico.

Para efeito do que abordamos nesta tese, consideraremos o Eu ideal (*Ideal Ich*) como o correspondente deste narcisismo, confluência de uma imagem

unificada que o sujeito capta a partir do olhar investido do outro, tornando-se uma unidade corporal resultante da projeção do narcisismo dos pais, através de um processo de antecipação. O narcisismo secundário será considerado como o retorno ao Eu dos investimentos de objeto, conseqüentes à distinção possível entre Eu e objeto. Da mesma forma como exposto acima, estes tipos de investimentos, no Eu e nos objetos, não devem ser tomados como substitutos um do outro, nem tomados como fases evolutivas, mas sim como possibilidades de investimentos disponíveis e operacionalizados pelo Eu.

Uma distinção importante a partir da gênese do Eu proposta nesta época foi, por decorrência, a formulação de uma diferença estabelecida entre o Eu ideal e o Ideal do Eu, introduzida no texto de 1914. Assim, escreve Freud:

Esse ego ideal (*Idealich*) é agora alvo do amor de si-mesmo (*self-love*) (*Selbstliebe*) desfrutado na infância pelo ego real (*wirkliche Ich*). O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal (*neue ideale Ich*), o qual, como o ego infantil (*infantile*), se acha possuído de toda perfeição de valor. [...] Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ideal do ego (*Ichideals*). O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal (*Ideal*) é o substituto (*Ersatz*) do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (*Ideal*) (Freud, 1914/1976, p. 111) [Grifo nosso].

A relevância deste parágrafo para nosso estudo reside em que nele se encerra tanto uma relação temporal, mesmo que sabidamente didática, em relação ao estabelecimento do Ideal do Eu, quanto a marca da dimensão narcísica no Eu ideal e a dimensão alteritária do Ideal do Eu.

Quando Freud escreve sua máxima de que o Eu não se encontra posto desde o início, entendemos que este indica a vida erótica do futuro sujeito compreendendo a operação da série prazer/desprazer e, não a pessoa da biologia, datada pelo seu nascimento.

Quando Freud assinala a existência de um narcisismo infantil, nossa apreensão não é um começo datado, mas da origem, levando em conta que este Eu ideal é o efeito do discurso dos pais, refletindo uma imagem idealizada que é capturada pela criança mediante o olhar desses pais que, por sua vez, é formador de uma unidade discursiva.

Os pais se referem às crianças como possuidoras de uma corporeidade e coesão que não existe na realidade primitiva da criança. Desta forma, criam um corpo simbólico para a criança quando ela ainda não é apetrechada psiquicamente para operá-lo. Lacan acentua essa anterioridade imaginária. Este discurso coeso a respeito da criança é fundamental para que ela possa captar essa ilusão acrítica, resultante do discurso desejante dos pais, formadora de uma imago com a qual a criança se identificará. Neste momento estamos diante de um funcionamento solipsista temporário, como se a criança não precisasse de ninguém, que Freud chamou de narcisismo primário e coincide com o Eu ideal. Quando falamos de um Eu ideal, costumamos atribuir a esta fase um valor mítico, nunca encontrado, nem datado, sendo somente inferido *a posteriori*.

É preciso que se faça uma distinção. Este aspecto mítico atribuído a esta instância resulta do entendimento de que aquilo que existe de psíquico no sujeito, resulta de uma relação com o outro onde prevaleça um regime alteritário. O psíquico implica necessariamente em um dualismo e, por isso mesmo, aponta para a aquisição da linguagem, como consequência da falha deste outro em simbolizar corretamente todas as demandas da criança. O universo primordial, com os sentidos voltados para a sobrevivência, vai se ampliando na medida em que o outro vai se mostrando insuficiente para dar conta de todas as demandas da criança.

O ponto que queremos ressaltar é que a presença do outro é fundamental para que o psiquismo se constitua, implicando no aumento do campo de sentidos. A função do Ideal do Eu será não somente de buscar o narcisismo infantil perdido na infância, mas propiciar a possibilidade de uma ordem simbólica frente à realidade que se impõe, respondendo à imposição das exigências externas. “Sabemos que é na frustração harmoniosamente dosada que o Eu se separa do Isso e que a aprendizagem da renúncia à satisfação imediata está em relação com a aquisição da simbolização e da sublimação” (Pierre Dessuant, 1992, p. 76). Esse Ideal do Eu constituído aumenta as exigências do Eu, fazendo com que este último seja vigiado em relação às suas escolhas, assegurando uma satisfação narcísica, de acordo com o Ideal construído. Assim, podemos responsabilizar o Ideal do Eu pela possibilidade do abandono à onipotência, que constitui, para alguns autores, um fator de progresso (Dessuant [1992]; Janine Chasseguet-Smirgel [1975]).

Pensamos, portanto, que nestas operações primordiais encontram-se as pré-condições para se tornar um sujeito desejante. Ou seja, é necessário que alguém se apresente como suplência para a prematuridade infantil; que uma imagem seja formada antes de uma noção corporal coesa; que esta imagem seja percebida discursivamente; que esta suplência falhe e permita a instauração da falta e da demanda; e que um projeto ideal externo ao sujeito o lance no plano simbólico em função das exigências que terá que satisfazer, relacionando esta satisfação com a lei. Essa distância do Eu Ideal que caracteriza o Ideal do Eu é marcada por Freud:

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação deste estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (Freud, 1914/1976, p. 117).

Constituído inicialmente de forma totalmente imaginária, esse Eu ganha, com a introdução do outro no circuito pulsional, uma dimensão simbólica exterior que o regula, já que o imaginário não comporta por si só um princípio de regulação. Nas palavras de Garcia-Roza:

No mundo humano a palavra intervém como estruturadora e valoradora do imaginário, sendo o “exterior” ao qual Freud se refere. Os conceitos de eu ideal e de ideal do eu podem servir de exemplo para essa regulação do imaginário pelo simbólico. Tanto o eu ideal como o ideal do eu são representações complexas, portanto um complexo de imagens, mas são também efeitos do discurso do outro, e nada impede que diferenciemos um do outro pelos diferentes tipos de discurso que os criam. De um lado, o discurso idealizante, desenvolvido pela paixão do enunciante, de aceitação incondicional, isento de crítica; de outro lado, o discurso judicativo, que coteja traços do sujeito com normas e leis que lhe são exteriores (Garcia-Roza, 1995, p. 62).

É neste escopo que postulamos a razão pelo qual o melancólico não consegue formar uma imagem de si coesa, capaz de ter uma regulação simbólica daquilo que o tenha constituído imaginariamente .

Para o melancólico, a imagem da mãe ganha uma importância capital na medida em que ele busca incessantemente essa imagem que não se apresentou, para que nela se constitua, trazendo para o sujeito um dilema fundamental: deve se afastar desta mãe para ganhar um espaço vital, e ao mesmo tempo necessita

dela para se assemelhar. É em torno deste vazio do olhar, o que vê mas não olha a criança, que se constitui a “problemática especular como momento e lugar fundamentais a que agora ligaremos a etiologia primária da melancolia” (Lambotte, 1997, p. 178).

É o aspecto de contenção que o olhar coloca que falta ao melancólico. A disposição desamparada da criança a faz buscar na mãe este olhar, ainda em uma situação onde o olhar e o corpo encontram-se inseparáveis. Lambotte escreve: “mais olhar, mais corpo” (Lambotte, 1997, p. 179) para mostrar que “as coisas se desvanecem e a criança, frente ao nevoeiro indefinido, ou à preocupação estranha do olhar do outro, permanece imersa em um espaço sem limite” (Lambotte, 1997, p. 179). Desta forma, essa mãe se torna, na percepção da criança, também sem limites, toda poderosa e inatingível.

As conseqüências que decorrem desta desorientação especular é que, tanto a integração da dimensão espacial como a imagem corporal, que são função do olhar do outro, ficam imprecisas e não possibilitam a aquisição de um olhar integrador pela criança em favor de uma continuidade.

Neste sentido é relevante para esta tese situarmos uma problemática especular dado que postulamos, para o entendimento da constituição do melancólico, uma falha neste procedimento que depende inteiramente da presença de um outro que olhe pulsionalmente para o *infans*.

A partir do desejo do outro capturado, uma integração ficcional se dará até que a intermediação cultural torne possível o ser desejante. Acrescenta Lacan:

O termo narcisismo primário, pelo qual a doutrina designa o investimento libidinal próprio desse momento, revela em seus inventores, à luz de nossa concepção, o mais profundo sentimento das latências da semântica (Lacan, 1998, p.102).

Assim, é através de um jogo recíproco do olhar, da voz e do gestual que se precipita uma imagem que servirá de modelo a ser captado e apropriado, integrando o interno e o externo, o geral e o familiar, apoiando-se em três pólos fundamentais: o *infans*, a presença materna e o lugar do reflexo (Lambotte, 1997, p. 180/181).

O asseguramento narcísico depende, portanto, do nível de envolvimento da mãe com a criança. Este modelo narcísico, referido por Lacan como uma *Gestalt*, percebido no espelho, ou melhor, no olhar devolvido à criança veiculado pelos investimentos, servirá de base para o assentamento daquilo que Freud chamou de Eu Ideal (*Ideal Ich*).

É importante acentuar que a imagem refletida no olhar da mãe comporta a possibilidade de um contorno corporal situado numa dimensão espaço-temporal. Como havíamos dito, “mais olhar, mais corpo”, e quanto mais corpo, maior a possibilidade de distinção, renunciando a aventura do mundo objetal.

Observamos clinicamente o efeito discursivo dos relatos dos melancólicos que levam os analistas ao registro da instantaneidade do vivido, refletindo uma dificuldade de historicização que acreditamos estar relacionada a estas dificuldades constitutivas originárias. O tempo é o aqui e agora, como vimos na abordagem do vazio. As dificuldades de metaforização e simbolização passam a ser conseqüências desta necessidade do olhar do outro que não se deu, e por isso não ocorre uma unificação narcísica ideal.

Encontramos determinadas formas de padecimento psíquico no melancólico que são o resultado da procura permanente, ainda, deste objeto totalizante, capaz de lhe fornecer uma integração. Neste sentido, a escolha melancólica é certamente em torno do tudo ou do nada, ou seja, do objeto total ou do vazio. Lambotte (1997) nos apresenta o enquadre de onde surge a problemática melancólica:

É porque a criança assimilou inicialmente o rosto-modelo da mãe em uma troca fusional que ela pôde identificar-se à forma refletida pelo espelho, no quadro, desta vez, de uma relação transitiva cuja função é indicar já uma triangulação (Lambotte, 1997, p. 186).

Vamos nos deter, portanto, na importância do rosto da mãe como representante daquilo que permitirá ao *infans* sua identificação especular. O relevante desta transitividade é a dialética que se estabelece quando o *infans* capta o olhar materno que se autoriza a capturar o olhar do *infans*, propiciando uma operação que Lacan chamou de alienação, como sendo o primeiro efeito da captura deste olhar.

Desta forma, abre-se um continente para as experiências sensoriais, dando contornos e nomeando cada evento relacional. Embora o olhar seja importante, é a qualidade afetiva deste olhar que oferecerá a fixidez necessária a estas primeiras experiências. Uma particularidade que não podemos deixar de mencionar é que, ao mesmo tempo em que o olhar fornece um território para o *infans*, apresenta a mãe também como um território limitado. A não ocorrência desta experiência faz com que a imagem desta mãe se torne imprecisa, ganhando, pela inacessibilidade, um status totalizante que impedirá qualquer possibilidade identificatória que não seja regida pelo tudo ou pelo nada.

A captação afetiva deste olhar será permissiva ou não em relação à possibilidade alienante que este promove. Lacan (1964) nos presenteia com a expressão *Urbild* do Eu (Imagem primordial do Eu) como figura ficcional e alienante. É a esta identificação que Freud se refere como a identificação mais primitiva, mais direta e imediata que a criança tem com outro alguém (*mit andere Personne*).

Lacan (1964) formula a pergunta a respeito do que o bebê vê quando volta seu olhar para o rosto da mãe e responde: geralmente, o que ele vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe olha o bebê e o que seu rosto exprime está em relação direta com o que ela vê.

Tomaremos, então, como uma primeira hipótese, a idéia proposta por Lambotte (1997) de que, no melancólico, tenha existido uma ausência ou fragilidade da imagem especular por um desfalecimento primeiro da imago materna, reforçada posteriormente pela associação com a queda da função paterna, em torno da castração.

O ponto central do desfalecimento do olhar materno reside na experiência de uma captura impossível por parte da criança que, frente ao espelho, se vê mas não pode se olhar, como uma visão que não olha. A implicação direta é a falta de uma percepção corporal. Descreve desta maneira Lambotte (1997):

Nada vem delimitar o espaço do sujeito melancólico, nada vem colorir o reflexo especular com as cores da afetividade; e este nada ao qual o sujeito diz parecer-se se apresenta ao nada do aniquilamento, o das pulsões de morte que, desprovidas de toda ligação libidinal erótica, dão livre curso a sua expansão (Lambotte, 1997, p. 200).

Na clínica presenciamos a dificuldade ou mesmo a impossibilidade do melancólico elaborar uma narrativa onde seja o foco do desejo do outro. Aquilo que lhe faltou aparece discursivamente, tornando sua fala monótona, com uma tonalidade monocórdica, sem a vivacidade de uma narrativa. A forma congelada estabelecida em suas primeiras trocas afetivas marca o modo de se organizar no presente. Neste aspecto, o discurso melancólico se distingue do discurso depressivo neurótico, posto que este último contém o lamento de uma insatisfação frente às demandas impossíveis de serem satisfeitas, enredadas numa história onde seu sofrimento lhe garante um papel ativo em sua narrativa.

O melancólico já se apresenta congelado e, como dizia Freud (1917), seus lamentos são acusações e não demanda de amor. Ao ressaltarmos este congelamento, devemos nos deter na relação da imagem corporal com a gênese do Eu afirma em sua frase emblemática que o Eu é antes de tudo corporal. Colocando o Eu como alvo das pulsões, e mais tarde colocando o Eu como objeto dessas mesmas moções pulsionais, Freud nos remete a um conceito crucial para pensar o humano além do nascido, e além da biologia, ou seja, como identificação. O Eu corporal, e mesmo como uma projeção da superfície, deve ser entendido como uma formulação que propõe uma territorialidade e uma extensão em constante movimento constitutivo.

Devemos colocar em destaque mais uma vez a necessidade dos cuidados com a criança, desse mapeamento que se faz com olhar e libido, isto é, com interesse e desejo. Isto faltou ao melancólico e vemos que, diante de uma catástrofe narcísica, este sujeito busca compor-se, sem ilusões, buscando aquilo que poderá lhe configurar a idéia de unidade, de um território marcado pelo desejo, de ser alguém imaginado por outro alguém. Mais uma vez, nos auxilia Lambotte (1997) em suas considerações:

Acreditaremos [...] que a imagem do corpo se constrói na relação identificatória com o outro e na caução que este traz à experiência que a criança atravessa. Todo o tratamento dispensado pela mãe, tão freqüentemente evocado pelos pacientes, ao qual se acrescentam a vacilação da imagem de si, o apagamento dos limites corporais, a perda de espaço etc, testemunha, precisamente, os avatares da relação transitiva criança-mãe / criança-espelho, destacando por isso mesmo o componente eminentemente social e afetivo da imagem singular (Lambotte, 1997, p. 205).

A idéia, tão cara a Freud, de que o Eu é antes de tudo corporal nos apresenta a dimensão que queremos ressaltar nesta etapa da vida marcada pela prematuração. No seio da alienação primordial aparece a criança pensada, pronta e una, quando ainda não tem uma dimensão deste status referido à realidade. A antecipação feita através da presença materna garante, mais adiante, a possibilidade de uma organização para que possa emergir um sujeito desejante, a partir da distinção entre Eu e o outro. O deslocamento do modelo imaginário (Eu Ideal) para o modelo simbólico (Ideal do Eu) é feito à custa da operação da ilusão de completude. O melancólico não consegue a apreensão desta imagem virtual, pois lhe faltou a matriz original. Enquanto o neurótico constrói sua imagem, apesar das frustrações, o melancólico, por não ser sustentado pela ilusão de tê-la tido, evita o confronto mortal que o remete ao vazio constitutivo, adotando um comportamento de evitação desta falha imaginária, negando tudo que aponte para o logro da ilusão, a mentira da ficção original. Se podemos reconhecer a experiência de vergonha no melancólico, é a esta verdade que estará associada, de ser nada, ainda.

O tipo de nada a que nos referimos, prenhe no sujeito melancólico é aquele que Lambotte (1997) aponta como *néant*, ou seja, o que ainda não é e jamais será, o que ainda não existe e jamais existirá e do que não tem valor e jamais terá.

No lugar de seu reflexo, que ele deveria ter investido da mesma forma que deveria ter-se sentido objeto de investimento, o sujeito melancólico viu levantar-se diante dele um modelo ideal inacessível que todos os seus esforços nunca chegarão a tornar humanamente presente (Lambotte, 1997, p. 209).

Na ausência de um olhar balizador, o tudo ou o nada ganha um caráter operador que está presente em todas as atividades dos sujeitos melancólicos. A impossibilidade de interiorizar o nada faz com que o tudo esteja presente nas escolhas efetuadas, como consequência da referência ideal absoluta apreendida frente ao nada.

Quando indicamos que uma das características do sujeito melancólico é o tipo narcísico de ligação, em contraste com a ligação por apoio, esta da ordem da parcialidade, identificamos a insuficiência ou ausência da presença do outro neste

momento predominantemente especular. O advento da função simbólica introduzida pelo Ideal do Eu fica comprometido em função de um Eu Ideal que, por ser dependente de uma relação satisfatória com o outro, não se dá.

Apesar da freqüente tendência a dar importância à perda do objeto na melancolia, é a falta da imagem de si que devemos dar toda relevância, pois, mais que uma perda, é uma falta que se torna fundamental. Como vimos, o problema etiológico do melancólico se situa no nível especular. Sua insuficiência está no seio das pré-condições para o advento da nova ação psíquica, como referiu Freud (1917).

Lambotte (1997) ressalta o papel de vítima adotado pelo melancólico frente à traição que os objetos lhe proporcionam. A frase emblemática freudiana de que toda queixa seria uma acusação revela sobre o que e a quem o melancólico vocifera em suas auto-acusações. “E é bem de uma verdadeira traição que se trata, mas uma traição cujo autor é, desta vez, o próprio sujeito, que arriscou manchar seu modelo ideal com um objeto imperfeito” (Lambotte, 1997, p. 219). Conclui a autora:

Condenado à traição pela falta de um modelo ideal com o qual nenhum outro pode rivalizar, o sujeito melancólico justifica sua impotência por uma lógica negativista abstrata e/ou erra de objeto em objeto, apagando de si mesmo o duplo frágil com que tentava inutilmente recobrir outrem; mas, no lugar do duplo (Eu Ideal), é com o modelo superegóico intangível (Ideal do Eu) que ele deve confrontar-se, no qual se acham como que aspirados os traços de sua própria imagem (Lambotte, 1997, p. 221).

Em torno desta catástrofe narcísica localizamos o problema do melancólico. A falta ou insuficiência do reconhecimento associada à desafetação do olhar do outro faz aparecer um Ideal do Eu que terá como meta buscar-se a si mesmo nos objetos. Desta forma, o objeto a ser escolhido terá que reunir o que lhe faltou na linguagem do Eu ideal: a perfeição.

Por conta do exposto acima, entendemos o negativismo do melancólico como resultado do conhecimento que este tem a respeito de si mesmo. Fora do circuito da ilusão, o melancólico é regido pela certeza de seu conhecimento a respeito daquilo que lhe foi possível apreender na experiência especular: o nada da incompletude, da falta de unidade, o nada do vazio, a que Lambotte chamou de “moldura vazia”, aquela que nada refletiu. Este é o grande argumento que aparece

no discurso do melancólico sob a forma de um negativismo que passaremos a considerar.

7.3

O Negativismo melancólico

Em consequência da problemática ideal abordada anteriormente, podemos observar um aspecto peculiar nos pacientes melancólicos: o negativismo resultante do sistema de defesa contra o dismantelamento da organização do Eu, que aparece impregnado na forma de relacionamento com as pessoas e coisas. Além disso, a agressividade voltada contra si pode resultar em suicídio.

Se colocarmos o negativismo como tentativa de solução, sairemos do escopo de entender este traço caracteriológico como consequência negativa, podendo tomá-lo como uma forma positivada de compreender a equação constitutiva de onde o melancólico não consegue se desvencilhar. Dito de outra forma:

Se o melancólico atormentado por uma causalidade totalizante é aquele que é embaraçado pelo que a mãe não pôde perder, se é aquele a quem foi recusada a possibilidade de com ela partilhar o primeiro objeto (o seio), ele também é o que experimentou uma intrusão aterradora, da qual não pôde se preservar (Hassoun, 2002, p. 73).

Estes são alguns aspectos da melancolia que nos propomos a comentar.

Antes, porém, vale a pena esclarecer alguns pontos importantes que poderiam confundir nossas considerações.

A palavra “negativismo” vem sendo tradicionalmente utilizada pela Psiquiatria clássica, sem que constitua propriamente um conceito, para indicar o comportamento ensimesmado que pacientes com esquizofrenia catatônica apresentam na sua forma crônica. Este fenômeno abrange o recolhimento absoluto das relações sociais, um desligamento progressivo dos objetos que, em seu ponto mais intenso, nos permite dizer que estes pacientes apresentam quase que exclusivamente libido narcísica, sem demonstrações de libido objetal. Queremos marcar que não se trata deste entendimento de negativismo que iremos abordar.

Outra utilização corrente do termo “negativismo”, também dentro da referência psiquiátrica, diz respeito ao comportamento anti-social dos pacientes que apresentam transtorno de personalidade psicopática, trazendo dificuldades de abordagem terapêutica nestes casos. Também não é este o enfoque que queremos dar. Porém, apesar da diferença que a abordagem fenomenológica psiquiátrica apresenta em relação ao discurso psicanalítico, devemos apontar uma semelhança, aquela que indica a dificuldade com a alteridade.

Em outra vertente, a filosofia nos indica que o negativismo compreende duas dualidades. Uma, se refere à polaridade ativa X passiva, e uma outra ao afirmativo X negativo¹⁵.

Vamos utilizar estas indicações para afirmar que, no discurso dos pacientes melancólicos, o negativismo aponta uma defesa primária relativa à problemática destes pacientes com a alteridade e naquilo que implica a presença do objeto no próprio Eu. Mais ainda, sua forma de apresentação discursiva denuncia ativamente o logro que a ilusão promove operacionalmente e, por isso, tem um caráter afirmativo. É exatamente o papel passivo que o melancólico tenta evitar a todo custo pois neste caso, seria remetido ao grande problema especular que lhe apontaria o vazio identificatório que resulta, não raro, em ações violentas contra si mesmo. Hassoun (2002) ratifica esta idéia ao considerar o aspecto violento que a ausência de alteridade promove. “No lugar daquilo que faz laço social – audível e compreensível -, surge repentinamente um espanto no qual o sujeito irá se alienar.” (Hassoun, 2002, p. 19). Este autor frisa que a perda de referências, como efeito de desligamento, leva o sujeito a se enredar em lembranças dolorosas, mergulhando-o no sofrimento de uma perda indizível e indefinível, no qual a indignação, a inibição e a passividade irão marcar sua vida relacional. Esta passividade tem que ser evitada, pois seria assumir o nada da existência.

Considerando a outra dualidade, identificamos no discurso melancólico uma via de afirmação de sua subjetividade que se sustenta, não pela ilusão, mas pelo repúdio a tudo que indica a parcialidade dos objetos. Afirmando de forma ativa sua condição originalmente precária, em termos das instâncias ideais, o melancólico mostra um aspecto discursivo feroz e mordaz que identificamos

¹⁵ Lalande, *Dicionário de Filosofia*, p. 730.

como negativismo. Esta é a acepção que estamos tomando. A natureza das afirmações que caracteristicamente aparecem nos atendimentos destes pacientes demonstra uma rede conceitual calcada em certezas e afastada do recurso metafórico. Mas, consideremos mais detalhadamente estes aspectos sublinhados.

O negativismo melancólico se baseia em uma lógica peculiar do pensamento, distinta dos aspectos que a negação apresenta no campo da patologia, como afirmamos anteriormente, ou mesmo daquilo que podemos entender como correlato do recalque, muitas vezes nomeado como negativo, como substrato ideacional do material recalcado. Esse aspecto discursivo revela uma recusa aos princípios da realidade objetiva, trazendo em seu conteúdo o dilema do “tudo ou nada da desapareção do outro que o sujeito assume sob a figura da falta”.¹⁶

A certeza desta condição existencial que o melancólico porta, de se ver desaparecer no olhar do outro, de não encontrar uma sustentação desejante e imaginária, o remete ao peso da fatalidade que o acompanha, manifestando-se em seus enunciados. O sério e o banal, o relevante e o irrelevante não apresentam uma distinção muito clara, tendo significação somente de logro ou de verdade. Desta forma crua, o sujeito melancólico se aproxima sempre de uma verdade que não tenta esconder: sua insuficiência, da qual ele acredita poder se desvencilhar através de uma identificação com o objeto total, oposto ao neurótico, que se submete ao logro imaginário da identidade, ajudado pela ilusão. Ao contrário do neurótico, o melancólico precisa se certificar do afastamento da dúvida, testemunhando um sentimento de convicção resignada que, na relação com o outro, se fará presente por suas intervenções mordazes e cruéis.

Freud em seu artigo de 1917, “Luto e Melancolia” ratifica esta idéia ao escrever que não poderíamos nos aproximar demais da verdade da condição humana sem adoecermos. O pessimismo irrevogável do melancólico atesta o conhecimento muito precoce da sua condição constitutiva frágil. Não há dúvida de sua queda, aponta Lambotte (1997, p. 95) para se referir à falta da perspectiva de escolha, por ser a presa real de sua própria condição de existir, dentro da lógica formal que adota, por refutar violentamente o benefício da dúvida.

A lógica do *Cogito* de Descartes – Eu penso, logo existo – implica numa temporalidade que se apresenta contínua e projetada adiante, numa dimensão de

¹⁶ Lambotte, 1997, *O Discurso Melancólico*, p. 21.

futuro já que, vinculada a um projeto de vida, promete um fim possível e a morte adiada. Neste contexto, identificamos o Ideal do Eu. Dentro da lógica instantânea do melancólico, esta referência à máxima iluminista se complica pela impossibilidade da criação de um projeto futuro, tão seguro quanto ilusório, que permita que estes pacientes saiam da lógica do aqui e agora. Aquilo que existe é o que se mostra ser, e não o que poderá ou poderia vir a ser. Existe uma impossibilidade no processo de devir, ferramenta indispensável para se pensar o futuro, a ilusão e a dúvida. Estes conceitos não fazem parte do léxico do melancólico. Esta é a sua verdade irremediável.

Os planos do ser e da existência que, dentro de uma operação neurótica, coincidem, não constituem uma tarefa possível para o melancólico. Seria preciso, podemos dizer um novo “*cogito*” que pudesse garantir sua existência pela racionalidade, divorciada da sensação do ser, que se encontra sempre associada a uma perda e a um vazio.¹⁷ Evocando Lacan, Lambotte (1997) escreve:

... esta evanescência do momento de verdade caucionado pelo Outro foi muito bem entendida pelo melancólico como uma possibilidade imaginária imediatamente dissolvida pelo tempo, e que deixa atrás dela um real que soa falso e que se apresenta secundariamente como um resto, como um dejetivo. Vê-se, então, que o *cogito*, longe de significar por um simples enunciado a razão ou a loucura, dá conta do próprio processo da enunciação pelo qual se constitui o sujeito em relação a outrem. Enquanto modelo, ele serviu para designar, no sujeito melancólico, a falência desta relação cujos termos encontram-se falsificados desde a origem (Lambotte, 1997, p.107).

Para seguir adiante em nossa exposição ressaltaremos aquilo que o discurso melancólico denuncia, testemunha e se queixa do engano original, devido a uma falha funcional. Hassoun (2002) indica que “Assim, por trás das queixas incessantes, das idéias de danos e de indignidade, nós não podemos deixar de reconhecer o ímpeto de um narcisismo desesperadamente ferido” (Hassoun, 2002, p.59). O autor acrescenta que a experiência de não reconhecimento nesta fase especular deixa a criança abandonada, cedo demais, numa sideração de procura por um objeto que o remete para um alguém da possibilidade do luto (*Idem*, p. 66).

Lançado fora de si mesmo e sem as referências identificatórias obrigatórias que poderiam condensá-lo em uma formação unitária, o melancólico repete seu

¹⁷ Uma importante discussão a respeito do *Cogito* pode ser lida no texto de Lacan de 1964 – “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”.

fracasso constituinte, de forma compulsiva, retratando sua vinda ao mundo para se assegurar de alguma possibilidade identificatória e escapar do vazio. O exercício da dúvida, obrigatória na enunciação do *Cogito*, perde seu valor constituinte para o melancólico e aponta somente o caminho da denúncia do efeito da irredutibilidade do logro de sua origem.

A montagem discursiva clássica “Eu não sou nada” revela a falta de critério na valoração de si e, por conseguinte, dos objetos cobertos pela indiferença (a mesma que o recobriu), fazendo com que uma coisa não tenha mais valor ou significação que outra. A inutilidade do investimento objetal, que traduziria em si mesmo um valor, ser ou não ser útil, é mostrada no tipo preferencial de investimento feito pelos melancólicos. Freud formula o investimento objetal calcado no narcisismo e um tipo de investimento objetal que tem como modelo o apoio (*Anlehnung*). O investimento sexual que tem como modelo o apoio é diferente do narcísico, basicamente porque o investimento sexual tem a ver com o objeto, que é sempre parcial, enquanto que o investimento melancólico tem a ver com o narcisismo, portanto, com a totalidade. Os melancólicos se utilizariam do último modelo, que tem por característica um maciço movimento de investimento suscitado momentaneamente pelo objeto, seguido de total descrença nos valores projetados no objeto, provocando uma queda vertiginosa de seus interesses alojando aquele objeto, antes privilegiado, numa aura de inutilidade e desconsideração. O investimento é economicamente intenso, mas não se sustenta. É neste momento que o melancólico se apresenta sem afeto e sem emoção, compondo um discurso sem desejo, a que chamamos de negativismo. Este negativismo vem afirmar sua verdade constitutiva e denunciar o logro do valor do objeto. Assim,

... o melancólico sabe o logro sobre o qual se constrói nosso eu [...] ele sabe sem conhecer o mundo; e a afirmação paradoxal de seu saber diz respeito, sem dúvida, à sua impossibilidade de recobrir os benefícios da ilusão, à negligência de um olhar e à contingência da identidade. Igualmente, o sujeito melancólico percebe diretamente o que fundamentalmente constitui o “drama humano”, a saber, o estatuto imaginário da identidade, que ele não cessará de denunciar na recusa de todo investimento de objeto, até mesmo de seu próprio corpo (Lambotte, 1997, p. 298).

O negativismo melancólico estará então entendido pela sua ligação com os efeitos de um saber precoce, de uma verdade dura e crua, ejetando para longe a ilusão que tingiria os objetos pela sedução, formando uma idéia de mundo sem a afetação necessária para diferenciar os objetos entre si. Este saber funesto a respeito dos destinos do homem, de sua finitude e da mentira imaginária, faz a castração se afirmar em seu discurso de forma radical e absoluta, recusando a “natureza imperfeita do investimento” (*Idem*, p. 299).

Consideramos, portanto, o negativismo como aquilo que expressa a presença vazia do outro, uma identificação ao nada que não consegue oferecer o brilho sedutor a quem quer que seja, nem a si mesmo. Lambotte (1997) recorre a uma imagem bastante elucidativa quando escreve que a impossibilidade de fantasma faz de qualquer paisagem uma abstração geográfica. Hassoun (2002) descreve precisamente a origem desta desafetação característica:

Quando Lacan diz que o desejo do homem é o desejo do outro, nos dá a entender que o primeiro objeto do desejo se funda a partir do desejo de ser reconhecido pelo Outro. Suponhamos, então, que esse Outro nos recuse seu reconhecimento, que, por exemplo, no instante em que a criança se volta para a mãe para buscar em seu olhar aquilo que a escorará com um reconhecimento, os contornos de sua imagem especular, esta vire a cabeça ou lhe devolva um olhar vazio. Que poderá advir, senão um encontro impossível? Doravante o desejo estará como que em suspenso. Num ponto crucial – aquele que funda o reconhecimento, vale dizer também, as potencialidades de identificação –, o lugar do Outro é mudo (Hassoun, 2002, p. 66).

Apoiando-nos no entendimento da melancolia como referida a um tipo de organização psíquica em que escapam ao sujeito os primeiros movimentos constitutivos, impedindo-o de se colocar como um objeto privilegiado do olhar do outro, podemos nos interrogar a respeito de seu negativismo como uma forma de afirmar sua condição de nada, de resto, expressa caracteristicamente com a expressão “eu não sou nada”, tão presente nas queixas destes pacientes.

Como tentativa de dar uma circunscrição para um momento em que uma imagem estava a ponto de se formar, mas lhe faltou a contenção libidinal do outro ao não lhe reservar um lugar onde pudesse se afirmar, esse traço confuso em sua história o fará buscar nos objetos aquilo que não lhe deu consistência. A impossibilidade de qualquer objeto responder a essa demanda idealizante deixará,

discursivamente, suas marcas falhas na relação “tudo ou nada” que tinge seus investimentos. Lambotte (1997) escreve:

Ora, se a afirmação da negação reforça os contornos de uma imagem deixada em branco, “deixada à sua sorte”, ou seja, exprime os contornos de uma imagem sem que nada venha preenchê-los [...] compreendemos bem o esforço do sujeito para inscrever essa negação em relação ao Outro, sob pena de ver-se apagar seu semblante de identidade. Dizer *eu não sou nada* é, então, dizer ainda alguma coisa, e confortar a marca de uma relação que, sem isso, desapareceria definitivamente (Lambotte, 1997, p. 337).

Certamente, para esclarecer o negativismo do melancólico nos colocamos no epicentro de um paradoxo que, pela motivação inconsciente, constitui uma fonte de sofrimento compulsiva: ao mesmo tempo em que é um mecanismo de defesa muito primitivo contra as ameaças externas, também abarca uma exposição egóica muito perigosa que pode, não raro, levar às últimas consequências o ser nada, ou seja, à morte. Este paradoxo compõe um movimento libidinal, constitutivo, atrelado à destrutividade pulsiva que só entende a linguagem da radicalidade da morte. Por ser uma proposição que envolve o narcisismo, podemos pensar que a dinâmica pulsional do melancólico adota uma linha operacional onde admite que não haverá nenhum além do que o além do princípio do prazer (Hassoun, 2002, p. 17). Este mesmo autor escreve que “a melancolia para Freud é uma doença do ego, no lugar mesmo onde nele se inscreve a pulsão de morte” (*Ibidem*) Por falta de um outro erotizante que promova o intrincamento pulsional, entenderemos que na melancolia ocorre um desligamento pulsional onde deveria ter havido inscrição, ou seja, sem a apresentação psíquica deste objeto total, a operação de perda torna-se impossível, promovendo vazio no Eu. “A inscrição da pulsão de morte no ego precisa de uma dupla operação: a incorporação do pai e a assunção da imagem especular sobre um fundo de perda” (*Idem*, p.34). O destino do melancólico é traçado por duas assertivas que parecem ser os comandos operacionais de seus investimentos: você não representa nada para mim, dirigido ao pai e, você não é nada para mim, endereçado ao bebê sedento de reconhecimento. Este aspecto mortífero presente na vida do melancólico, talvez seja a principal e mais arcaica marca que se inscreve em sua subjetividade.

Portador de uma problemática que se coloca como uma morte identificatória, por assim dizer, uma primeira morte, o melancólico se esforça para realizar um luto do qual ignora tanto a origem quanto o objeto, elaborando um sistema de defesa, enquanto o Eu ainda se encontra frágil (*Schwächliche*) e não unificado, que o faz vociferar violentamente contra a parcialidade do mundo.

Sabemos que para fazer parte do mundo da parcialidade é necessário termos passado, obrigatoriamente, pela totalidade da experiência ideal (Eu Ideal). O melancólico, de alguma forma, viu apontada esta possibilidade e a sentiu se desvanecer, deixando como único traço identificatório, para sua organização egóica, o nada que contém a indiferença do olhar materno. Desta maneira, sendo nada, permanece sua certeza de ser algo em oposição ao vazio aniquilador, de estar frente a um espelho que não lhe dá contornos, que reflete o nada, ou melhor, quase-nada. Por isso este espelho, e mais tarde os objetos, somente lhe fornece uma imagem fugidia, uma unidade extremamente frágil.

Preso à necessidade de um modelo ideal todo-poderoso, já que não apresenta contornos e tem necessidade de reconhecimento, o melancólico recusa ativamente qualquer indicação de modelos ideais que possam alterar essa referência ao narcisismo primário que lhe serve como única moldura.

Tendo comparecido para a dialética da função desejante na experiência com o outro, muito primitivamente, o melancólico viu seu objeto de amor se excluir da trama, num momento constitutivo em que o Eu “repousava inteiramente no outro” (Lambotte, 1997, p. 345), e a autora acrescenta que “Seria, então, para se proteger de uma nova explosão do eu que o sujeito melancólico rechaçaria, sem nem mesmo examiná-las, as propostas do mundo exterior, aplicando sempre depois um modo de defesa específico de um eu imaturo e frágil” (Lambotte, 1997, p. 346).

Ao pensarmos sobre os primeiros momentos da vida de um bebê, antes que o Princípio de Realidade se estabeleça, recordamos que existe uma economia psíquica que se complexifica de acordo com as experiências que envolvem o meio externo, ora prazeroso, ora hostil, estabelecendo, assim, os mecanismos de defesa iniciais, próprios da organização primitiva. De uma forma progressiva, a distinção entre interno e externo vai ganhando contornos em função do reconhecimento, por parte do bebê, de certa objetividade, estruturada com a participação do que Freud (1895) chamou de ajuda alheia. No sujeito melancólico, antes mesmo que esta

objetividade se mostre operacionalizável e que uma separação entre interno e externo se consolide, este se vê diante de uma experiência traumática que contém o caráter agressivo da defesa primária, frente ao desaparecimento do objeto, comprometendo a formação e integração do objeto externo dentro de sua economia fantasmática. A ausência de objeto aqui referida ganha sua inscrição enunciativa por não ter sido apreendida e em seguida perdida, âncora de todo o mundo objetual e fundante do desejo.

Desta forma, o negativismo a que nos referimos expressa uma manifestação da economia psíquica que domina sua vida de relações e que traduz uma defesa primária que leva o sujeito a se manter afastado e rechaçando a percepção da realidade, pela ameaça de encontrar o vazio.

Por se aproximar muito do mecanismo constitutivo da psicose, vale ressaltar que esse rechaço e afastamento não implicam em despersonalização, mas incitam o melancólico a acentuar uma negação do mundo, como defesa, que não lhe oferece uma possibilidade identitária e que, como resultado, provoca uma lógica discursiva que o faz identificar-se e ter necessidade de se dizer o nada. O “não” vem a desempenhar um papel de símbolo que implica numa afirmação de sua identificação com o objeto libidinal. Este mesmo “não” do objeto constitui-se como traço mnêmico, carregado de afeto, que se reativa a cada operação negativista, integrando desta forma o sistema egóico do melancólico. A carga agressiva de que o negativismo é dotado resulta na prática cruel e desmedida que caracteriza discursivamente a relação do melancólico com as pessoas e coisas, incluindo-se obviamente.

O modo abandonativo com que o melancólico trata seus objetos idealizados reflete a natureza de seu abandono primordial. O melancólico vai se inscrever em um mundo da linguagem onde a sedução de um mundo fantasmático não lhe foi acessível, compatível com um modelo ideal deixado inacabado.

Lambotte (1997) nos adverte que deve se dar preferência ao termo desrealização para caracterizar a lógica melancólica, em oposição à despersonalização psicótica, posto que a desrealização conserva uma dinâmica psíquica “específica do sujeito numa certa maneira de considerar a realidade” (Lambotte, 1997, p. 368). Escreve a autora:

... o “modo de existência” desrealizada do melancólico [...] remete à brusca desaparecimento do desejo no lugar mesmo do objeto, é-nos preciso, a partir de então, nos interrogarmos mais precisamente sobre a organização psíquica que opera atrás da utilização dos meios de defesa assim postos à luz. Trata-se, então, nos traços do traumatismo e da desrealização do mundo, de enfocar o funcionamento de um aparelho psíquico para o qual a autodestruição figurou precisamente um destes meios de defesa que permitiriam ao sujeito melancólico não mais “perceber” o horror de sua situação (Lambotte, 1997, p. 369).

Assim, o substrato metapsicológico que explicaria a atitude negativista do melancólico vai residir na necessidade de identificação ao nada, e por isso é ativa e afirmativa, numa alternativa ao vazio brutal. Oriunda da época em que o bebê foi banhado pelo olhar alheio, implica em uma economia totalizante que não aceita mediações e, por isso, tem a dificuldade de operacionalizar a fantasia e a dúvida, resultando nesta alteração discursiva negativista muito típica, que acolhemos em nossa atividade clínica.

Se considerarmos que a suspensão do desejo pelo desaparecimento do objeto tem um caráter traumático que permanece sem significação, o negativismo se apresenta exatamente para recobrir esta experiência. Podemos perceber no discurso do melancólico um registro de fatalidade que tanto aparece em suas queixas como em um outro registro, que diz respeito à negação do mundo. *Ihre Klagen sind Anklagen* (Suas queixas são acusações), escreveu Freud (1917). É interessante marcar que o termo *Anklagen* é um antigo termo jurídico alemão que significa imputar ou dar queixa contra alguém (Hassoun, 2002, p. 57). Diferente de um caráter puramente denunciador, suas queixas acusam alguém para outro alguém. Esta formulação não aponta somente o crime, mas o desvela. Existe um endereçamento possível de ser captado e operacionalizado transferencialmente.

Podemos concluir que o melancólico encarrega o outro de preencher um quadro deixado vazio. Não ser nada contém a potência de um pedido ao outro para realizar esta tarefa, mesmo que sabidamente falha, e o negativismo se coloca como uma oposição a esta traição. Ele vocifera contra si mesmo e contra tudo por se deixar levar pelos objetos do mundo, e invariavelmente os sente inadequados em vista do desapontamento da não correspondência totalizante, mas não pode prescindir de sua busca.

É em torno desta procura que introduzimos o afeto da vergonha. Freud (1917), ao se referir ao melancólico como despudorado e em seguida, indicar a

necessidade de manter oculta sua particularidade constitutiva refletida nas relações objetais, demonstra a natureza de sua vergonha nesta busca. Neste tema, nos debruçaremos no próximo capítulo.